

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18 pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Educação, Sociedade-Mundo e Formação de Cidadãos Protagonistas, Conscientes e Criticamente Comprometidos com a Construção de uma Civilização Planetária

Education, World-Society, and Training of Protagonist Citizens, Aware and Critically Committed to the Building of a Planetary Civilization

Educación, Sociedad Mundial y Formación de Ciudadanos Protagonistas, Conscientes y Críticamente Comprometidos con la Construcción de una Civilización Planetaria

Juan Miguel Batalloso Navas
Membro do ECOTRANS/UCB, Brasília, Brasil
Sevilla, Espanha
batalloso@outlook.es

Marilza Vanessa Rosa Suanno
Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiás, Brasil
<http://marilzasuanno@uol.com.br>

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Goiás, Brasil
fernandes_fabiana@ufg.br

Resumo: A presente publicação apresenta o texto-síntese da Conferência de Encerramento do IV Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC e do X Fórum Internacional de Inovação e Criatividade - INCREA proferida de modo on-line, no dia 27/08/2021, pelo Prof. Dr. Juan Miguel Batalloso Navas, mediada pela Profa. Dra. Marilza Suanno e traduzida Profa. Ma. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes. A conferência, em espanhol, encontra-se disponível no Canal da Proex - Unitins. O conferencista é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Sevilla (Espanha), Membro do grupo de pesquisa ECOTRANS/UCB (Brasil), professor aposentado da educação básica e pesquisador do campo educacional. O evento contou com palestrantes da área da educação de cinco países, sendo eles: Brasil, Bolívia, Colômbia, Espanha e México. A transcrição traz os agradecimentos iniciais e a densa discussão teórica, contextual e reflexiva desenvolvida pelo conferencista.

Palavras-chave: Educação. Complexidade. Terra-Patria.

Abstract: This publication provides a comprehensive summary of the Closing Conference of the IV Seminar of the International Network of Creative Schools - RIEC and the X International Forum on Innovation and Creativity - INCREA delivered online, on 08/27/2021, by Dr. Juan Miguel Batalloso Navas, moderated by Dr. Marilza Suanno and translator Prof. Ms. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes. The Spanish version of the conference is available on the Proex - Unitins channel. Dr. Batalloso Navas holds a Ph.D. in Educational Sciences from the University of Sevilla (Spain), he is also a member of the research group ECOTRANS/UCB (Brazil), a retired professor of basic education, and a researcher in the educational field. The event featured speakers from the field of education from five countries; namely Brazil, Bolivia, Colombia, Spain, and Mexico. The transcript brings the initial acknowledgments and the dense

theoretical, contextual, and reflective discussion developed by the lecturer.

Keywords: Complexity. Education. Homeland.

Resumen: Esta publicación presenta el texto resumen de la Conferencia de Clausura de la IV Seminario de la Red Internacional de Escuelas Creativas - RIEC y el X Foro Internacional de Innovación y Creatividad - INCREA impartido en línea, el 27/08/2021, por el Prof. Doctor Juan Miguel Batalloso Navas, mediado por la Profa. Dra. Marilza Suanno y tradujo Profa. Msa. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes. La conferencia, en español, está disponible en el Canal Proex – Unitins. El docente es Doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad de Sevilla (España), Miembro del grupo de investigación ECOTRANS/UCB (Brasil), profesor de educación básica jubilado e investigador en el campo educativo. El evento contó con disertantes del campo de la educación de cinco países, a saber: Brasil, Bolivia, Colombia, España y México. La transcripción trae los agradecimientos iniciales y la densa discusión teórica, contextual y reflexiva desarrollada por el conferencista.

Palabras clave: Complejidad. Educación. Tierra Patria.

Data de submissão: 29/05/2023

Data de aprovação: 01/06/2023

Introdução

O I Fórum Internacional de Inovação e Criatividade (INCREA) foi criado, em 2009, pelo Grupo de Investigação e Assessoramento Didático (GIAD), vinculado ao Departamento de Didática e Organização Educativa da Universidade de Barcelona (UB), com o intuito de compartilhar pesquisas, projetos e experiências inovadoras e criativas no campo educacional. O referido evento tem reunido nos últimos anos professores(as) e pesquisadores(as) de países da América Latina e Europa. Em 2012, no Fórum INCREA, criou-se a Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), um acordo multilateral com a participação de 17 instituições educativas.

No afã de compartilhar no Brasil os resultados das pesquisas e promover intercâmbio entre docentes, pesquisadores e escolas, criou-se na Universidade Federal de Goiás, em 2014, o I Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC. A Conferência de Encerramento ministrada pelo Prof. Dr. Juan Miguel Batalloso Navas, transcrita e apresentada nesta publicação, ocorreu nos eventos simultâneos X Fórum INCREA e IV Seminário RIEC.

Conferência proferida pelo Dr. Juan Miguel Batalloso Navas

Bom, antes de mais nada, muito obrigado por estarem on-line, disponíveis para escutar minhas palavras e muito obrigado de todo coração as organizadoras e organizadores deste evento, especialmente a Marilza Suanno e a Maria José Pinho por terem lembrado de mim, que estou em um lugar bem longe e também distante das instituições acadêmicas e eventos. Quero estender meus agradecimentos à pessoa que tem me ajudado, que tem aberto portas e oportunidades para poder participar em eventos desta natureza, para poder participar em eventos educativos, e tenho que citá-la porque graças a ela pude viajar por diversos lugares do Brasil e ministrar conferências, falo da professora e doutora Maria Cândida Moraes, com quem compartilhei inúmeras reuniões e com os companheiros do Grupo Ecotransd da Universidade de Brasília. Se não fosse por Maria Cândida, que em 2008 me convidou para um famoso congresso que ela organizou na Universidade Católica de Brasília, certamente eu não estaria aqui falando, pois graças a ela eu conheci a Marilza Suanno e a Maria José Pinho que tiveram a bondade de me convidar para este evento. Bom, em segundo lugar quero dizer que eu

não falo português e nem 'portunhol', espero que me perdoem, mas tenho que me expressar em língua espanhola e tentarei falar o mais lentamente possível, então vou começar.

A primeira coisa que destacaria deste convite para a conferência **“Educação, sociedade-mundo e formação de cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária”**, foi a minha surpresa ao comprovar que o título era extraordinariamente grande e ao mesmo tempo extraordinariamente profundo, porque, no fundo, reflete não somente as preocupações dos organizadores, mas também as minhas preocupações, porque este assunto tem me preocupado e ocupado ao longo de minha vida. A pergunta que sempre tenho feito é: o que faz com que alguns indivíduos ou pessoas sejam mais responsáveis, comprometidas, valentes, decididas, generosas que outras pessoas? O que faz com que algumas pessoas sigam além das palavras, dos discursos, das boas intenções e transformem seus discursos em atos, que transformem suas esperanças em ações concretas continuadas e sustentadas?

Na verdade, isto para mim segue sendo um mistério e tem mais relação, a meu ver, com as experiências pessoais que cada ser humano teve ao longo de sua vida, especialmente na infância e na

adolescência, assim como com as possibilidades de encontros e convivências com os demais. A famosa música de Vinicius de Moraes diz que “a vida é a arte do encontro”, assim se é em nossa infância e adolescência onde nascem nossas primeiras motivações fundamentais, que seguem acompanhadas de nossos contextos sociais, de nossos encontros com das pessoas com quem compartilhamos e aprendemos. Esse é um tema profundo, grande, um tema do compromisso pessoal de transformar o mundo.

Por outro lado, é um tema teórico e também é um tema prático, no fundo este tema, com um título tão grande, reflete também as preocupações dos organizadores pela coerência e autenticidade ou como fazer com que seja possível a correspondência entre o que sentimos, o que pensamos, o que dizemos e o que fazemos. É um tema que tem relação com a epistemologia educativa, com a teoria e a dialética permanente, entre o que é puramente teórico e o que é puramente prático. Na realidade, depois de tanto tempo, me dei conta de que não há nada puramente teórico ou prático, mas que a teoria e a prática se fundem e funcionam de maneira complexa.

Por último, este tema é importante para mim porque reflete outras preocupações, como dizia Paulo Freire, que mencionarei muitas vezes, como

transformar as dificuldades em possibilidades, acho que aí está a chave deste tema, como transformar situações tão terríveis, como esta que estamos passando com a pandemia, com a crise de civilidade, na qual a desesperança cresce a cada dia mais, como transformar tudo isso em esperança, em possibilidade em oportunidade, para que os indivíduos sejam pessoas melhores, mais bondosas, generosas, mais abertas, definitivamente mais amorosas. No final, vou resumir em uma aprendizagem geral que é a do amor, que falarei em outro momento. Bom, a questão é que este título tão ambicioso e adequado para o momento atual é muito complexo porque está relacionado ao que acontece no mundo, nos nossos países, a nós mesmos e que está acontecendo nas instituições educativas.

Tudo está em crise, a crise civilizatória já se estendeu por todo mundo e agora está se apresentando na forma de Covid-19, mas seguirá se expressando de inúmeras formas. É uma questão de enorme complexidade, mas quero fazer uma advertência, pensar ou desejar que as instituições educativas ou que a escola, em geral, pode tudo não deixa de ser um sonho impossível, uma quimera. As escolas, as instituições educativas vivem, convivem, se reproduzem, se legitimam, crescem, se desenvolvem e também morrem em contextos concretos, sociais,

políticos, econômicos e ideológicos. Não podemos nos esquecer disso nunca. As instituições educativas e sobretudo os pensadores, os grandes pensadores acadêmicos e educativos, deveriam ser mais humildes no sentido de que a educação não pode tudo, como dizia Paulo Freire.

Nem a escola, nem a alfabetização, nem a educação, nem a universidade, nem as escolas profissionais podem tudo. Não somente não podem tudo, como a escola ou a educação por si mesmas não podem transformar o mundo, a sociedade, ou melhorar as condições de existências dos seres humanos, a escola não pode tudo, não pode transformar a sociedade. Entretanto, nos dizia Paulo Freire, as escolas e as instituições educativas podem sim mudar, transformar, fazer possível a mudança pessoal, a escola e a educação podem mudar as pessoas que tem o dever e a obrigação de mudar o mundo, para que ele seja mais igualitário, justo, livre, generoso, bondoso e definitivamente mais amoroso. Por tanto, minhas respostas são muito humildes porque na verdade o que vou relatar são experiências e reflexões pessoais que não pretendo generalizar, mas que são produtos de minhas experiências profissionais, do que tenho vivenciado em meus trabalhos nas escolas, nas escritas, nas leituras e nos

meus trabalhos sociais realizados em meu contexto concreto.

Pensar que é possível encontrar um método, uma tecnologia, procedimentos ou estratégias que possibilitem que os cidadãos sejam mais comprometidos, mais responsáveis na construção de uma civilização planetária, já disse que é uma quimera, porque os compromissos, os valores éticos, os valores morais, são adquiridos muito cedo, são adquiridos durante a infância e a adolescência e são adquiridos nas nossas primeiras experiências afetivas, nas nossas primeiras experiências com nossos pais e irmãos. É na família que aprendemos nossos valores éticos e nossas virtudes, onde aprendemos a arte de transformar valores em ações, os valores em virtudes, como dizia Aristóteles, a virtude é uma coisa concreta que é melhorada e surge a partir da prática.

Por tanto, já estou apresentando uma primeira resposta, tudo que signifique ou se relacione a garantir que as famílias tenham um ambiente com recursos, meios de assistência material para que seus filhos possam aprender valores éticos, que seja bem-vindos, por isso, precisamente a declaração dos direitos humanos universais, estabelece no seu artigo 26 que a educação é um direito humano universal e que o estado deve garantir por todos os meios este direito.

A educação não é um bem de mercado como alguns pretendem nos convencer ou demonstrar, a educação é direito humano universal, e quando digo um direito humano universal não estou me referindo somente ao ensino fundamental ou médio, estou me referindo a tudo, a educação deveria ser gratuita, desde o meu ponto de vista, conforme e congruentemente com o disposto na declaração de direitos humanos, sendo gratuita para todos.

Claro que os valores éticos e morais são adquiridos em nossas famílias, em nossas experiências da infância, da juventude, da adolescência, é aí que aprendemos a nos esforçar, a falar e mediar sobre nossos desejos, onde aprendemos a esperar, a aguentar nossas decepções, onde aprendemos a tolerar as frustrações, onde aprendemos a gerar e sustentar nossas motivações, mas a juventude aparece em outros grupos, os grupos de iguais, e conforme vamos crescendo, temos a oportunidade de encontrar novas pessoas, pessoas maravilhosas que nos ajudam, nos ensinam, nos acompanham e isso também é um ponto chave.

Erich Fromm dizia no livro que tenho em minha cabeceira, sobre a desobediência e outros ensaios, que a humildade não se aprende com discursos, nem em livros, eventos, apresentações, a humildade se aprende quando vemos uma pessoa humilde e com o

compromisso passa exatamente o mesmo, você aprende a se comprometer quando percebe que outra pessoa está comprometida com alguma causa, quando vê outra pessoa se sacrificando pelos demais, quando vê outra pessoa generosa, que dá tudo incondicionalmente ou que está incondicionalmente a favor dos mais necessitados, dos mais pobres. Por isso, é natural que muitas pessoas, inclusive eu, consideremos os valores éticos originais do cristianismo de Jesus compatíveis com os valores do socialismo, com os valores éticos do socialismo e do comunismo, ou do ecologismo ou do feminismo. É completamente natural e coerente que Jesus, ao colocar-se em último lugar ao defender radicalmente os mais necessitados, nos indicou o caminho inicial para que nos comprometamos diariamente com os outros.

Retomando um pouco de minha história-trajetória pessoal, quando eu tinha cerca de 22 anos e havia terminado minha graduação em Pedagogia, descobri a famosa obra de Donella intitulada “Os limites do crescimento”. Essa obra impactou minha vida, anunciava que o mundo estava em colisão, em risco de colapso. O livro trazia um estudo que simulava como seria o mundo em 2050, apresentava simulações de situações, contextos possíveis, alertas de perigo iminente, que ainda não era percebido em 1972.

Estamos em 2021 e já se passaram 50 anos daquele estudo. Edgar Morin classificou o estudo com um mapa de navegação, era bastante simples, utilizava formas de simulação, mas servia para pensar, para refletir sobre tudo que deveria mudar, de que o mundo e a civilização deveriam mudar ou chegaríamos ao colapso total.

Na primeira simulação do livro “Os limites do crescimento” apresentou-se que, em 2050, a civilização sofreria um colapso, os recursos energéticos e fósseis diminuiria, assim como a produção industrial, os índices de mortes aumentariam muitíssimo, os alimentos por pessoas e a produção industrial por pessoa também. O primeiro estudo era um diagnóstico, mas no próximo estudo realizado já foram apresentadas possíveis soluções estratégicas. Dada a importância do tema, quero refletir que neste segundo estudo intitulado como “Mais além dos limites do crescimento”, publicado 20 anos depois, em 1992, o qual nos mostra que nos últimos 50 anos estamos perdendo tempo, o colapso se aproxima, a Covid-19 nos coloca em alerta. Na parte final deste segundo estudo, são apresentadas 5 estratégias gerais que podem ser utilizadas durante um possível colapso ou destruição do nosso planeta e da vida.

Na realidade, esses estudos mostram que não só está em perigo nossa sobrevivência enquanto espécie,

mas a sobrevivência das demais formas de vida. De forma geral, os estudos buscam estabelecer estas reflexões, desde meu ponto de vista, são 5 coisas plenamente vigentes se queremos estabelecer e articular procedimentos, estratégias, metodologias, instituições comprometidas na formação de cidadãos conscientes e críticos que ajudem a construir um novo tipo de civilização.

No estudo, dizia que a primeira coisa que tínhamos que fazer para prevenir este colapso era desenvolver o pensamento alternativo, era necessário mudar nosso chip mental, mudar nossa forma de pensar, em vez de seguir pensando de forma convergente, com a metodologia de sempre, a metodologia causa-efeito. Era necessário estimular a criatividade, a inovação, o pensamento divergente e desenvolver estratégias educativas e informativas que permitam explorar e aproveitar ao máximo o potencial de nossos cidadãos e alunos, nos atrevendo a entrar com valentia e coragem nos terrenos desconhecidos, já anunciado por Paulo Freire.

Desenvolver o pensamento alternativo é ter imaginação, arrojo, ser capaz de fazer apostas, de inovar, de criar novos procedimentos para que nosso mundo ou nosso contexto real concreto possa ser melhorado. Neste ponto, os esforços dos organizadores e das organizadoras do evento são

louváveis, pois o que pretendem é desenvolver o pensamento alternativo e criativo.

Naquele famoso estudo, na sua segunda edição, se defendia que era necessário aprender a aprender. Com isso, afirmava que nossas instituições formativas, nossas escolas, deveriam abandonar o papel tradicional de transmissoras do conhecimento, ainda mais agora que as fontes de informação disponíveis para compreender e aprender são extraordinariamente múltiplas com o desenvolvimento das novas tecnologias. Em 1992, esses pesquisadores afirmavam que era necessário aprender a aprender, ou seja, saber, conhecer e aplicar estratégias que possibilitem a autoformação ou autoaprendizagem, sem necessidade de apoio ou de alguém que nos guie. Isso é uma questão lógica, se não somos capazes de aprender por nós mesmos, dificilmente seremos capazes de desenvolver inovações e desenvolver o pensamento alternativo.

A terceira proposta feita por estes pesquisadores, no livro “Mais além dos limites do crescimento”, era que as instituições formativas e educativas deveriam promover e desenvolver habilidades sociais e de cooperação, mudar o enfoque individualista, que até o momento as instituições educativas promoviam. Sendo assim, se os indivíduos e as pessoas não são conscientes de que a cooperação é muito melhor que a

competição, que o encontro entre as pessoas para realizar projetos comuns é muito mais eficaz e eficiente que o esforço puramente individual, evidentemente muito pouco podemos conseguir. É curioso que tanto no aprender a aprender quanto nas habilidades sociais e cooperação, imagino que estes pesquisadores tenham lido Paulo Freire, não sei, o certo é que, todas essas questões, Paulo Freire já vinha desenvolvendo desde sua obra “A Pedagogia do Oprimido”. Na sua primeira obra. Educação como Prática da Liberdade”, Freire já dizia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Se queremos pessoas mais comprometidas, mais conscientes, mais críticas, necessariamente teremos que desenvolver em nossas instituições habilidades sociais e de cooperação. É indispensável, não podemos pensar que da noite para o dia surgirão indivíduos mais responsáveis, mais solidários, se não viveram nem experimentaram metodologias de comprometimento, de solidariedade e de cooperação. Dizia um velho professor, maravilhoso professor que lembro neste momento, os professores não ensinam com os métodos que foram explicados nos cursos, os professores aprendem com os métodos que foram utilizados na prática por seus professores. Temos aí outra conclusão interessante, se um professor, um

educador, um formador, de qualquer nível de ensino, não se comporta de forma solidária em sua aula, de forma generosa, cooperativa, se não estimula os encontros vitais como dizia Vinicius de Moraes, dificilmente os alunos colocarão isso em práticas, pois os professores não aprendem com os discursos, eu acredito que nenhum cidadão aprende com discursos, nem com livros, aprendemos com livros e com discursos na medida em que conhecemos pessoas que são capazes de mostrar nas suas condutas os modelos que são anunciados em seus discursos.

O quarto ponto trazido pelos pesquisadores, ou a quarta estratégia formativa proposta por eles em 1992 também é atual e vigente. Diziam que deveríamos combater a desinformação, pois a sociedade informacional estava muito acelerada e que os indivíduos podiam estar completamente desinformados como consequência da saturação de sua mente devido à multiplicação das informações. Neste ponto os pesquisadores já se davam conta da diferença que havia entre informação, conhecimento e sabedoria. Hoje estamos em um tempo no qual as pessoas opinam sobre qualquer coisa, os apresentadores se transformam em especialistas em virologia, ou se transformam em especialistas de qualquer outra coisa. Hoje o mundo da informação se expandiu tanto que passa a sensação de que qualquer

indivíduo pode apresentar uma notícia como verdadeira ou um dado, na verdade mais do que nunca necessitamos que nossas escolas e centros de formação intensifiquem os procedimentos de ensino e ajudem nossos alunos a desenvolver o pensamento crítico e autocrítico.

Também sobre esse tema falava Freire, dizia que estávamos formados em responder perguntas, que o bom aluno era aquele capaz de responder as perguntas que eram feitas pelos professores, mas que necessitávamos aprender a usar a pedagogia da pergunta, que a arte de perguntar é fundamental para desenvolver nossa consciência e que sem consciência crítica é impossível que cheguemos a desenvolver nossa sensibilidade e nosso compromisso com os demais. Não podemos esquecer que o compromisso do ser humano em transformar, ou transformar a si mesmo, ou mudar um contexto local concreto ou a sociedade, sua cidade ou país, nasce de sua sensibilidade. Esta surge de sua capacidade de discernimento, de análise que cada indivíduo tem, e essa capacidade de análise não pode ser obtida se os indivíduos não são capazes de fazer perguntas, sendo duas delas essenciais: por que e para quê?

O próprio Freire já dizia que a primeira coisa que precisamos fazer para verificar a utilidade, a bondade de uma proposta educativa, de uma proposta

político-econômica ou de qualquer outra índole é perguntar quem se beneficia e quem se prejudica com essa proposta, essa é a pergunta radical. E se vemos, no nosso caso, do jeito que está nosso mundo, que sempre se beneficiam as mesmas pessoas, porque a pobreza segue crescendo, assim como a degradação ambiental, por isso é essencial combater a desinformação, tratando de estimular todo o procedimento para que nossos alunos e educandos, assim como os cidadãos em geral consigam desenvolver o pensamento crítico. Atenção, repito, as escolas e os centros educativos não têm todas as respostas. Hoje educam, ou melhor, deseducam, a televisão e os meios de comunicação, que são os mais interessados em que a desordem social estabelecida siga permanecendo durante séculos e séculos. Nesse sentido, se os meios de comunicação têm um papel importante, exercem, desenvolvem e colocam em prática projetos que permitem que os indivíduos pensem de maneira autônoma, consciente e crítica, melhoraremos muito.

Esta quarta proposta estratégica, formulada no famoso livro Mais além dos limites do crescimento, em 1992, não está só vigente na atualidade, mas acredito que é muito importante, sobretudo no período que estamos vivendo em muitos países durante as eleições. Enfrentar a desinformação significa sentar as bases

para construir um pensamento autônomo com capacidade de análise e discernimento próprio e isto me parece essencial. Parece-me essencial se queremos realmente nos comprometer com condutas cotidianas em nossos contextos locais concretos, na construção deste mundo, desta civilização planetária que tanto falamos. Nesse ponto é importante considerar a necessidade de desenvolvermos estratégias que diferenciem os feitos das opiniões, pois hoje estamos enfrentando essa doença que se chama fake news, onde qualquer pessoa diz e publica qualquer coisa nos meios de comunicação ou nas redes sociais e muitos acreditam. Utilizam os grandes poderes econômicos e ideológicos deste mundo, pois utilizam a multiplicação de mentiras, de formas de manipulação com a finalidade de lucrar ou de obter seus interesses de poder. Acredito que isso os brasileiros conhecem bem, assim como os estadunidenses porque seus governantes - nos EUA Trump e no Brasil Bolsonaro - tem causado muitos problemas contra a cidadania de seus países e de todo o mundo, pois estão gerando e produzindo constantemente ódio, ressentimento, inveja, agressividade, mentiras, manipulações.

Há um livro que eu recomendo, publicado por um grande amigo, mestre e teólogo que esteve muitas vezes no Brasil ministrando conferências que se chama “La internacional del odio”. Nesse livro é descrito como

o Brasil do Bolsonaro e os EUA de Trump tem injetado pouco a pouco em toda a população os sentimentos de ódio, de vingança, de ressentimento, de fanatismo, de autoritarismo, de dogmatismo, e para trazer algo positivo espero que os brasileiros e os estadunidenses sejam capazes de abandonar esse ódio internacional e incorporem um compromisso crítico e consciente com a construção de uma civilização planetária que rechace esse seu governante Bolsonaro, me atrevo a dizer isso com toda tranquilidade, porque deixar passar essa oportunidade.

Finalmente, neste livro de 1992, me surpreendi quando o li e sempre me surpreendo quando penso como esses pesquisadores do meio ambiente, especialistas em novas tecnologias, em informática, em sistemas, podem concluir seu estudo dizendo que para enfrentar o colapso ambiental, planetário é necessário, com suas próprias palavras, aprender a amar. Diziam que além de desenvolver o pensamento alternativo, às habilidades sociais, de cooperação, de aprender a aprender, era necessário aprender a amar. Aqui tenho que citar outro autor essencial que impactou minha adolescência e juventude que foi o autor Erich Fromm com a obra A arte de amar. Nessa obra dizia que o amor tem quatro componentes, quatro tipos de amor, não vou me aprofundar nesta obra, mas fala que todo tipo de amor tem 4 componentes: o cuidado, não

podemos amar sem cuidar quem amamos; o conhecimento, não podemos amar o que não conhecemos; o respeito, significa aceitar incondicionalmente o outro, o reconhecimento como diria Maturana, o reconhecimento do outro como legítimo outro; e a responsabilidade, se não respondemos a pessoa amada, a causa amada, ao objeto amado, se não oferecemos respostas, se não somos capazes de ter uma conduta concreta e cotidiana de expressar respostas, dificilmente teremos a capacidade de amar. Os feitos, os atos são sempre a prova de nosso amor e não as palavras bonitas que dedicamos às pessoas amadas são as provas de nosso amor, ainda que seja importante reconhecer que as palavras também são atos e que também ajudam. Assim, acredito que vocês têm um resumo do que era defendido em 1992 e que acredito que ainda são estratégias muito vigentes e necessárias para formular o desejo proclamado neste ambicioso título que apresentei para esta conferência.

Se eu tivesse que sintetizar ou resumir de alguma maneira tudo que declarei até agora e se nosso objetivo é formar cidadãos críticos, conscientes e comprometidos na construção de uma civilização planetária, temos que nos preparar para duas coisas fundamentais. Primeiro para viver e conviver com a incerteza, porque não sabemos ou estamos certos de

tudo que pode acontecer, e isto Maria Cândida Moraes explica bem em seus livros e sobretudo Edgar Morin quando fala dos princípios da ecologia da ação que diz basicamente que quando uma ação é iniciada qualquer coisa pode acontecer, pode escapar do controle do indivíduo, qualquer coisa pode acontecer, e essa ação que estava guiada pelo indivíduo com uma intenção inicial pode transformar-se, pelo princípio da incerteza, numa forma contrária à pretendida. Então, se eu tivesse que sintetizar tudo isso, me atreveria a dizer que não é necessário mudar, não é necessário mudar muita coisa, a primeira coisa que precisaríamos mudar é nossa própria conduta, não basta querer ser bons ou generosos, é necessário ser, como dizia Aristóteles, precisamos de mudanças pessoais.

Em segundo lugar, necessitamos de mudanças políticas que abram espaço para a construção de novas formas de democracia, de novas maneiras para que a liberdade, a igualdade, a justiça, a fraternidade, sejam realmente efetivas e não só mais um discurso engavetado nas intenções de nossos políticos. Também precisamos, além das mudanças políticas e pessoais, de mudanças paradigmáticas em nossa forma de pensar, e com respeito às mudanças paradigmáticas lembro-me de um princípio dos operadores cognitivos da complexidade que Maria Cândida explica no seu livro *Ecologia dos Saberes*.

Gostaria de trazer aqui o famoso princípio da ecologia da ação que é a base na qual se constrói a incerteza, é um princípio formulado por Edgar Morin, define que quando uma ação é realizada por um sujeito pode escapar do seu controle, e quando isso acontece pode seguir um caminho diferente, contrário daquele pensado pelo proponente da ação, faltam mudanças paradigmáticas que nos levem a pensar de formas diferentes, a viver e conviver com a incerteza. Por outro lado, faltam mudanças educativas que não são só reformas curriculares, mas são também, como dizia Edgar Morin, reformas paradigmáticas, uma nova forma de conceber a educação, na qual a transmissão do conhecimento é vista como obsoleta, como dizia Paulo Freire na sua última obra Pedagogia da autonomia: ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que esse conhecimento seja produzido, reproduzido e compartilhado, outra mensagem essencial de Paulo Freire. Também faz falta a mudança profissional, mudanças profissionais capazes de articular novas formas de preparar e formar os professores, principalmente os professores do ensino fundamental, da educação básica e obrigatória, porque não podemos esquecer que os professores do ensino fundamental são os menos atendidos, mais marginalizados, que recebem menos oportunidades formativas. Os professores da educação

infantil, primária e secundária, são os que têm nas mãos o futuro, o desenvolvimento e a formação das consciências, assim o eixo fundamental de todas as políticas educativas que são realizadas a nível mundial deveria estar centrado nos professores responsáveis pela educação primária e secundária, no ensino obrigatório, porque são os que têm o máximo de responsabilidade e necessitam o máximo de formação, de reconhecimento e de possibilidades para desenvolver-se pessoal e profissionalmente.

São tantas as mudanças que deveriam acontecer que às vezes me sinto perdido, mas realmente nenhuma delas acontecerá sem que incrementemos níveis de humanidade e humanização, com isso todas as mudanças políticas, paradigmáticas, profissionais, pedagógicas, educativas, todas as mudanças passam pelas pessoas. Se eu tivesse que resumir em uma fórmula a formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com a construção de uma civilização planetária, eu ficaria com as mudanças pessoais. Ficaria com as mudanças pessoais porque se os indivíduos, as pessoas, não assumimos a responsabilidade, a responsabilidade, o dever de ser melhores, mais humanos, bondosos, mais generosos, melhores, mais justos, livres, responsáveis, si não assumimos a responsabilidade pessoalmente, de forma concreta, diária, em nossas condutas cotidianos,

nos nossos contextos concretos nos quais habitamos é muito difícil que qualquer mudança aconteça.

De fato, a única mudança possível é a pessoal, e essa mudança passa por 3 ou 4 dimensões, a primeira é a do autoconhecimento, de conhecer a nós mesmos, conhecer a si mesmo são só ter capacidade de descrever-se, dizer quais são nossas características, o que nos identifica, quais são nossos desejos, nossas intenções, nossos atos, não é somente uma descrição psicológica de nossa conduta, maneira de ser ou caráter. O autoconhecimento é muito mais que isso, é entender que nunca saberemos tudo o que somos, nem de onde viemos e nem para onde vamos, mas o certo é que se incrementamos nosso nível de humanidade e fraternidade o mundo mudará.

Por um lado, precisamos desenvolver um certo instinto ético, a ética é um assunto que foi abandonado na maior parte das instituições educativas, são vários os autores que denunciam este fato, inclusive é sinalizado por Edgar Morin, as humanidades foram substituídas pelas técnicas, pelas ciências, por todas as matérias que são úteis para produção indefinida de objetos e dilapidação constante do nosso planeta. É necessário realizar uma mudança pessoal centrada na ética, como Leonardo Boff tem explicado nas suas obras, há dois tipos de ética, uma é a ética especializada, normatizadora, que legitima tudo,

legítima os benefícios, a competitividade, o abuso, a ganância, o lucro, é a ética do capitalismo, da razão, que garantem os direitos para um grupo privilegiado.

Por outro lado, está a ética do coração, que nasce do afeto, do carinho, do prazer de se encontrar no amor, nas relações que mantemos com nossos entes queridos, na atitude incondicional de serviço, nessa ajuda e generosidade em não esperar nada em troca, essa é a ética que nasce do afeto, do carinho e do amor, das relações fraternais, do reconhecimento dos demais como legítimos, como dizia Maturana. E essa ética, defendida por Leonardo Boff, e que eu sigo, são de cinco tipos: a primeira é a ética da compreensão humana, um dos saber já anunciados por Edgar Morin na sua obra *Os sete saberes*, é a que nos leva a ter empatia pelos demais, que nos ensina a compreender as pessoas sem substituí-las, compreendendo que qualquer ser humano pode cometer erros, como eu mesmo que cometo erros continuamente. A próxima é a ética do cuidado, cuidar de nós mesmos, dos demais, dos seres vivos, do nosso planeta. A ética da responsabilidade é uma das dimensões do ato de amar, se não respondemos, si não atuamos com condutas concretas e em benefício e ajuda aos demais não podemos fazer absolutamente nada, estamos atuando de maneira cínica, o cinismo é um dos componentes da ética, Edgar Morin fala do cinismo,

que são esses sentimentos de ira, de indignação, que temos quando vemos uma injustiça, mas que logo depois são esquecidos e não fazemos absolutamente nada para resolver ou contribuir em sua resolução. Depois também encontramos as éticas da solidariedade ou da fraternidade, o tratar aos demais com igualdade, porque os atos de caridade colocam aquele que doa acima de quem recebe a doação, é como um ato de superioridade, e a solidariedade tem como princípio que pode existir a correspondência de que somos iguais e por isso podemos realizar ações, projetos, programas, cada colocando como dizia aquele princípio marxista, dê o que está de acordo com sua capacidade e dê aquilo que necessita.

Por último, as éticas planetárias, as que são das civilizações, isso explicou muito bem Leonardo Boff em sua obra, um dia chegaremos a construir uma civilização que mais além das particularidades éticas de cada país, cultura, povo, sociedade, além das moralidades particulares é necessário compreender que vivemos no mesmo mundo, somos uma só espécie e vivemos graças à ajuda e cooperação com as demais espécies. Se queremos evitar o colapso planetário, si queremos construir uma civilização planetária, necessariamente teremos que construir não somente novas formas políticas e democráticas, de caráter mais participativo e profundo, não somente mudanças

peçoais, temos que construir novas formas de pensar globalmente, de forma ética, de tal maneira que nossa sobrevivência no planeta, nossa vida plena no planeta seja cada vez mais humana, mais consciente e mais fraterna.

Para finalizar, quero agradecer por terem me escutado, não sei se fui capaz de satisfazer seus desejos, de dar respostas a este grande título, mas o certo é que temos que seguir trabalhando todos os dias, todos os momentos, para que estes ideais, esforços e convicções não sejam deixados de lado ou marginalizados pelos poderes dominantes de nosso mundo, muito obrigado e saudações fraternas a todos vocês. Obrigado!

Considerações Finais

A Conferência de Encerramento do IV Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC e do X Fórum Internacional de Inovação e Criatividade - INCREA proferida pelo Prof. Dr. Juan Miguel Batalloso Navas segue disponível no Canal Youtube da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. A Conferência suscitou importantes reflexões, apresentou preocupações com o colapso planetário, assim como sinalizou para a

construção de uma civilização planetária, com novas formas políticas, de caráter mais participativo e democrático, com articulações em âmbito local, nacional e planetário, de forma ética e comprometida com a sobrevivência no planeta, com pessoas mais conscientes e mais fraternas.

Referências

BATALOSO-NAVAS, JUAN MIGUEL. CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO, SOCIEDADE-MUNDO E FORMAÇÃO DE CIDADÃOS PROTAGONISTAS, CONSCIENTES E CRITICAMENTE COMPROMETIDOS COM A CONSTRUÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA. CANAL DA PROEX - UNITINS. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZXHJRG-AOW&T=1889S](https://www.youtube.com/watch?v=zXHJRG-Aow&t=1889s). ACESSO EM: 01/05/2023.